
REPENSANDO A ANTROPOLOGIA:

E. LEACH E AS TEORIAS

DE PARENTESCO*

MARCOS ALFONSO SPIESS**, MARCOS VINÍCIUS
DA COSTA MEIRELES***

Resumo: *com base na obra Repensando a Antropologia (1961), do antropólogo Edmundo Leach (1910-1989), este trabalho analisa o contexto, as heranças teóricas e os principais debates que perpassaram as teorias de parentesco na primeira metade do século XX. Evidenciando o debate entre Radcliffe-Brown e Lévi-Strauss, chega-se à proposta de Leach, o qual enfatiza o casamento e as alianças como possibilidade analítica.*

Palavras-chave: *Parentesco. Repensando a Antropologia. Edmundo Leach.*

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre as principais questões que perpassam a obra *Repensando a Antropologia*, do antropólogo inglês Edmund Ronald Leach (1910-1989). A partir das contribuições desse autor, torna-se possível abordar as principais perspectivas sobre os estudos de parentesco, bem como, os principais debates e autores que contribuíram para o desenvolvimento desse campo da antropologia. Trilhando os capítulos que, escritos em diferentes épocas, constituem esta obra singular da história das ciências sociais, busca-se compreender o contexto desses debates acerca das teorias de, bem como, apresentar a posição crítica que Edmund Leach assume perante outras propostas teórico-metodológicas.

De antemão, ressalta-se dois aspectos que é preciso considerar para a análise. O primeiro se refere ao fato da obra *Repensando a Antropologia* ser constituída por um conjunto

* Recebido em: 25.02.2016. Aprovado em: 27.03.2016.

** Mestre e doutorando em Antropologia pela Universidade Federal do Paraná (PPGA/UFPR). Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG-Uruaçu). Bolsista Capes. E-mail: spiess.spiess@gmail.com.

*** Mestre e doutorando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (PPCIR/UFJF). Professor no Colégio Militar de Juiz de Fora (CMJF). Bolsista Capes. E-mail: mmfilo09@gmail.com

de seis artigos. Tais artigos foram escritos e publicados num período de quinze anos, ou seja, tempo suficiente para que Leach mudasse suas teorias a respeito do parentesco desde o primeiro até o último artigo. Mais do que uma proposta homogenia acerca do parentesco, a obra se constitui como perspectivas diversas acerca do tema. Por isso, os capítulos não possuem uma coerência necessária entre si, sendo que o único fator de continuidade está no método e no tema que perpassam todos eles.

A título de conhecimento, seguem os nomes dos artigos na sequência em que estão na obra, respectivamente, com o ano de publicação e/ou escrita de cada um. Primeiro, “Repensando a antropologia”, conferência dada em 1959; segundo, “Terminologia de parentesco *Jinghpaw*”, publicado em 1945; terceiro, “As implicações estruturais do casamento com a prima-cruzada matrilateral”, escrito em 1951; quarto, “Poliandria, herança e definição de casamento com referência particular ao direito consuetudinário cingalês”, escrito entre 1955 e 1958; quinto, “Aspectos do preço da noiva e da estabilidade do casamento entre *Kachin* e os *Lakher*”, publicado em 1953-1954; e sexto, “Dois ensaios a respeito da representação simbólica do tempo”, publicado em 1953, dentro os quais é o único que não trata de questões sobre o parentesco e, por esse motivo, não será abordado neste trabalho.

O segundo aspecto que deve ser considerado para a análise se refere ao fato de que todos os artigos escritos por Leach estão relacionados, *strictu senso*, com as “teorias” de parentesco. Em outras palavras, eles não se constituem propriamente de etnografias, mas são análises que o autor fez de etnografias de outros antropólogos. Parafraseando Geertz, as reflexões que seguem se tratam na verdade de uma interpretação de segunda ou terceira mão.

Como são muitos os assuntos específicos discutidos na obra, o objetivo deste trabalho é focalizar o debate em apenas duas problemáticas que perpassam, direta ou indiretamente, todos os capítulos aqui abordados, são eles: a necessidade de repensar temas básicos das teorias e dos métodos antropológicos; e, os problemas acerca do casamento com a prima-cruzada matrilateral e suas implicações teóricas.

EDMUND LEACH E A ANTROPOLOGIA BRITÂNICA

Para que se possa compreender o conjunto de artigos que constitui a obra *Repensando a antropologia*, considerando que eles foram publicados em diferentes épocas e abrangem problemáticas diversas, faz-se necessário contextualizar o cenário antropológico enfrentado por Leach e que muito influenciou no seu pensamento.

A Escola Britânica de antropologia vivenciava um grande dilema, a saber: enquanto alguns buscavam compreender as sociedades nativas a partir de uma visão totalizadora, tendo como referência a Europa (perspectiva influenciada pelo evolucionismo de Frazer); ou, ao contrário, outros buscavam compreender cada sociedade humana a partir de sua especificidade, dentro da sua dinâmica cotidiana, relativizando os costumes e compreendendo-os contextualmente (influência do funcionalismo de Malinowski).

Contemporaneamente a este dilema, surgem as influências deixadas por Radcliffe-Brown na antropologia. Este, de certo modo, propunha uma antropologia intermediária entre o dilema (Frazer *versus* Malinowski) acima explicitado. Para tanto, Radcliffe-Brown usava a noção de função e de estrutura social. No entanto, como nos afirma Da Matta (1983, p. 13-4), se

[...] para Malinowski, as instituições são respostas úteis (e funcionais) a necessidades básicas que preexistem a essas respostas. Para Radcliffe-Brown, porém, a função é algo puramente social, um mecanismo de manutenção da totalidade social em funcionamento. Em outras palavras, para Malinowski, um sistema de parentesco é uma derivação elaborada da sexualidade e do impulso sexual que é biologicamente dado. Para Radcliffe-Brown, um sistema de parentesco é um conjunto de relações sociais que estão estruturadas em direitos e deveres entre os indivíduos, formando uma complexa rede de elos sociais. O funcionalismo de Malinowski tornava a comparação praticamente impossível, ao passo que o funcionalismo de Radcliffe-Brown levou a comparação para o seu lado mecânico e formal: tornou-se tão fácil e automática, que por um momento se chegou a pensar que toda a ciência antropológica estava resolvida com a prática de um esquema de comparação/generalização, tal como ele havia proposto.

Percebe-se, aqui, que Radcliffe-Brown buscava, através de seu método comparativo, estabelecer as supostas leis gerais que regeriam todas as sociedades. Apresenta-se assim uma primeira perspectiva da problemática oriunda da relação entre uma infraestrutura biologicamente dada, como afirmava Malinowski, e uma superestrutura verbal fundada no âmbito sociocultural, conforme concebido por Radcliffe-Brown. Como veremos adiante, esta relação seria resgatada mais tarde por Lévi-Strauss.

Ao comentar sobre a perspectiva de Radcliffe-Brown que concebia o parentesco como relações sociais, Leach (1961, p. 297-8) afirma:

In Radcliffe-Brown's schema Society is something other than a sum of individuals, for Society has the power to impose its will upon the individuals through the operation of the sanctioned rules which constitute the structure of enduring corporate groups. The social anthropologist is expected to concentrate his attention upon the nature of these rules and the manner by which they are enforced.

In contrast, in Malinowski's system, despite the underlying assumption that every custom serves a utilitarian purpose and the emphatic assertion that the individual is not a 'slave to custom', no clear distinction ever emerges between customary behaviour on the one hand and individual behaviour on the other. Custom is what men do, normal men, average men.

Além desse, outros dilemas perpassavam o contexto da Escola Britânica, tais como: Frazer (onde o indivíduo não existe) versus Malinowski (onde só o indivíduo parece ter lugar); a Antropologia de gabinete versus a Antropologia de campo; o evolucionismo versus o funcionalismo; o racionalismo (que pensa o mundo a partir de sua lógica e totalidade) versus o empirismo (que o encara a partir da parte, do individual e da experiência concreta) (DA MATTA, 1983, 39). Estes dilemas também precisam ser considerados a fim de se compreender a antropologia, ou melhor, “as antropologias” desenvolvidas por Leach.

Fala-se em “as antropologias” de Leach uma vez que, diferente de muitos outros antropólogos, ele não estudou apenas um povo específico. Basta mencionar que Leach pesquisou entre os curdos (no Irã Ocidental), entre os Kachin, os Lakher, Pul Eliya etc. Além disto, Leach também não se prendeu a um sistema cultural específico, motivo pelo qual seus escritos perpassam temas sobre parentesco, rituais, política etc. E além de suas pesquisas de

campo, diversas foram as contribuições teóricas que ele conseguiu desenvolver para a antropologia de sua época.

Da Matta (1983, p. 17) afirma que “quanto mais profunda é a experiência de campo, tanto maior é sua fixação numa linha teórica bem definida e tanto menor, consequentemente, é a sua versatilidade teórica. O corolário sendo: quando menos profunda for a experiência de campo, maior será a versatilidade teórica e a amplitude de temas com os quais trabalha o antropólogo”. Por sua vez, Leach é aquele que consegue se manter, de certa forma, equilibrado entre esses dois limites, desenvolvendo uma antropologia crítica, tanto teórica quanto metodologicamente, e dialogando com diferentes paradigmas.

Observa-se que, se por um lado, o filósofo Thomas Khun afirma que, no decorrer da história, um paradigma científico é sempre substituído por outro tido como melhor, possibilitando as “revoluções científicas”, numa superação *ad infinitum*. De outro lado, e nos distanciando de Khun, nas ciências humanas há a possibilidade de diversos paradigmas coexistirem. É essa convivência de diferentes paradigmas que Roberto Cardoso de Oliveira (1997) denominou de *matriz disciplinar*.

A matriz disciplinar deve ser entendida como “a articulação sistemática de um conjunto de paradigmas, a condição de coexistirem no tempo, mantendo-se todos e cada um ativos e relativamente eficazes” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1997, p. 15). Especificamente na antropologia, percebe-se a existência de quatro fortes paradigmas, representados por Escolas distintas, quais sejam: o paradigma racionalista (estruturalista, na sua forma moderna), representado pela Escola Francesa de Sociologia; o paradigma estrutural-funcionalista, na Escola Britânica de Antropologia; o paradigma culturalista, da Escola Histórico-Cultural; e, o paradigma hermenêutico, presente na Antropologia Interpretativa. Nos últimos anos surgiram duas novas tendências que passaram a ser conhecidas de Antropologia Pós-Moderna e de Antropologia Simétrica (ou Pós-Social).

Se, por um lado, as diferentes dicotomias, advindas com a possibilidade de convivência dos diversos paradigmas, afetaram o desenvolvimento do pensamento de Leach, fazendo com que ora ele se posicionasse num limite, ora em outro. Pode-se, no entanto, afirmar que Leach é um dos celebrados antropólogos “que transitam, consciente e criticamente, entre os paradigmas, entre as ‘Escolas’” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1997, p. 23).

De outro modo, se uma “tendência empirista”, advinda da influência de Malinowski, pode ser percebida nas obras referentes aos estudos de parentesco e organização social; outra tendência, a “racionalista”, fortemente influenciada por uma antropologia de gabinete como fazia Frazer, é percebida nas obras de Leach no que se refere aos estudos de análise simbólica e críticas teóricas. Nas palavras do próprio Leach, “Digo que o meu próprio trabalho inclui exemplos de monografias de ambos os tipos. leach, 1954 (Political systems of Highland Burma), é racionalista no estilo; Leach, 1961 (Pul Eliya), é empirista” (LEACH, 1978, p. 12).

Considerando o cenário antropológico em que Leach estava inserido e suas diversas indagações, cabe o questionamento: quais foram, efetivamente, as contribuições de Leach à antropologia? Talvez a resposta mais acertada é perceber que Leach contribui muito mais como crítico do que como mentor de novas e elaboradas teorias. No limite, ele foi capaz de criticar teorias que ele próprio utilizou para analisar seu campo, demonstrando a reflexividade necessária que todo intelectual deve ter.

O caráter crítico da obra de E. Leach fica expresso já no primeiro artigo da obra *Repensando a antropologia*. Leach, neste primeiro capítulo se propõe a repensar temas e conceitos básicos da Antropologia. Ele demonstra a necessidade de questionar até mesmo o que está fortemente enraizado nas concepções de método e de teoria. Longe de atingir a dúvida cartesiana, no entanto, de modo eficiente, Leach questiona (e duvida) daquilo que é muitas vezes aceito como certo. Ele considera que “Entre os antropólogos sociais, o jogo de construir novas teorias sobre ruínas de teorias velhas é quase uma doença profissional” (LEACH, 2001, p. 8).

Segundo Leach, o pensamento antropológico se tornou um pensamento viciado. Fortemente influenciados por uma tendência empírica – tradição de Malinowski, os trabalhos antropológicos ocorrem eminentemente em campo, decorrendo disto o perigo de não se conseguir alcançar, a partir das excessivas *comparações*, as tão buscadas *generalizações* desejadas pelo autor. Segundo ele, fazer uma generalização é criar uma suposição verdadeira, uma espécie de verdade que nenhuma quantidade de comparação conseguiria revelar (LEACH, 2001, p. 15) e este deveria ser o objetivo da antropologia.

É válido salientar que para Leach existem, no mínimo, dois tipos de comparações. Um tipo é desenvolvido por Radcliffe-Brown e o outro por Lévi-Strauss. Aprovando o método comparativo de Lévi-Strauss e reprovando a proposta de Radcliffe-Brown, Leach afirma que, para Radcliffe-Brown, bastaria comparar sociedades diversas a partir de um aspecto comum (sistema político, sistema econômico, sistema de parentesco), de acordo com o capricho do momento. No entanto, mesmo que isto seja ciência, a consequência disso seria a de criar uma predisposição para se pensar uma sociedade.

O perigo da proposta radcliffe-browniana é que uma predisposição inicial na pesquisa pode limitar a criatividade intelectual do pesquisador. Um bom exemplo é a oposição entre as categorias patrilinear-matrilinear. Essas categorias são, num primeiro momento, tão óbvias e rudimentares que não é possível pensar de outra maneira senão com tal pressuposto. Porém, em alguns casos, elas podem ser irrelevantes para pensar a estrutura social. Repensar os pressupostos básicos da antropologia pode ser muito desconcertante, pois é romper com o pensamento viciado (LEACH, 2001, p. 17). Ou, como afirma em *Pul Eliya* “What we need to understand about a society is not whether it is patrilineal or matrilineal or both or neither, but what the notion of patrilinearity stands for and why it is there” (LEACH, 1961, p. 11).

Ao criticar o método comparativo de Radcliffe-Brown, Leach (2001, p. 16) sugere que “A comparação é uma questão de colecionamento de borboletas – de classificação de arranjo das coisas de acordo com seus tipos e subtipos”. Através da simples comparação, o pesquisador acaba buscando “tipos [que] conduz toda sua argumentação mais em termos de exemplos particulares do que padrões generalizados” (LEACH, 2001, p. 18). Além disso, o pesquisador seria constantemente tentado a atribuir importância exagerada aos aspectos da organização social de sua própria sociedade do que na sociedade dos nativos.

De acordo com Leach, um dos maiores defeitos das comparações é não possuírem um limite lógico, pois geralmente ficam expressas as razões de se escolher um esquema de referência e não outro. Por isso, “Em lugar da comparação, tenhamos generalização; em vez de colecionar borboletas, procuremos fazer um trabalho inspirado em suposições [...]. A generalização é indutiva: consiste em perceber possíveis leis gerais nas circunstâncias de casos especiais” (LEACH, 2001, p. 20).

Observa-se que interesse de Leach (2001, p. 27) está em “discernir possíveis padrões gerais nos fatos específicos de etnografias particulares”. O que ele propõe não é que se descarte as comparações e os trabalhos particulares, ao contrário, ele propõe que a partir disto, seja possível as generalizações tão necessárias para a Antropologia. Em última instância, Leach (2001, p. 27) propõe que busquemos examinar as questões antropológicas ligados ao parentesco não como um problema de estrutura social comparativa, nem como uma polêmica verbal, mas como *um caso de padrão estrutural generalizado (matemático)*.

A diferença entre as comparações feitas por Radcliffe-Brown e as feitas por Lévi-Strauss estaria no fato de que, enquanto Radcliffe-Brown opera no nível empírico e enfatiza unicamente as oposições entre aquilo que é comparado, Lévi-Strauss estaria formulando suas comparações em um nível abstrato e afirmando que, para além da oposição, também existe a complementaridade das coisas comparadas.

Leach argumenta que transformando dados antropológicos em dados matemáticos, é possível criar padrões e funções que possibilitem uma análise mais acertada da estrutura social estudada, sendo que o resultado obtido poderá ser útil para compreender outras sociedades. Segundo suas palavras, “traduzindo fatos antropológicos para uma linguagem matemática, embora primitiva, evitamos o excessivo emaranhado de fatos empíricos e conceitos muito carregados” (LEACH, 2001, p. 30).

O mérito da equação matemática está, segundo Leach, na possibilidade de perceber de modo imediato as semelhanças dos padrões que existem entre sociedades, aparentemente, muito distintas. Um exemplo utilizado para ilustrar sua proposta estaria nas sociedades Trobriand e Lakher, enquanto que nos Trobriand a criança não possui parentesco direto com o pai, entre os Lakher a criança não possui parentesco direto com a mãe. Se ficarmos somente nos dados etnográficos, isto pareceria impossível, no entanto, é verificável e demonstrável por funções matemáticas.

Assim como os Trobriand são um caso extremo no sentido de que o pai não tem laços consanguíneos com os filhos da sua esposa, estando ligado apenas à mãe deles como um afim, também os Lakher são um caso extremo no sentido de que a mãe não tem laços de parentesco com os filhos do seu marido, estando ligada apenas ao pai deles como um afim” (LEACH, 2001, p. 32).

Os modelos de parentesco dessas duas sociedades poderiam ser expressos da seguinte maneira:

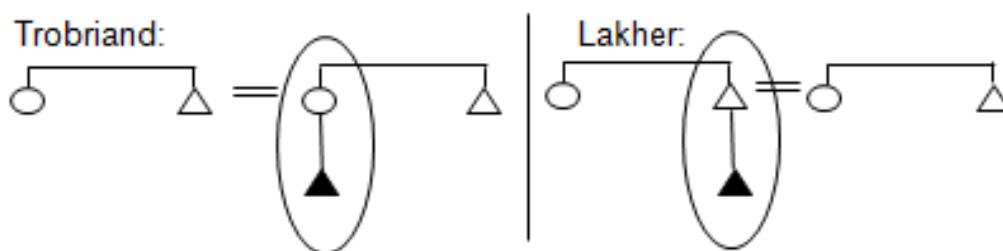


Figura 1: Modelo de parentesco

Aprofundando ainda mais sua proposta, Leach sugere que, ao invés de filiação, dever-se-ia usar um pouco de álgebra. Convencionando chamar a função de “z”, onde a filiação com o pai é representada por “= q” e a filiação com a mãe por “=p”. Uma generalização ideal possibilitaria afirmarmos que $z=p/q$. Dessa generalização podemos afirmar que a razão p/q é uma função matemática que varia conforme as variações de “p” e “q”. Aplicando isto aos esquemas acima descritos e exemplificados, temos as seguintes funções para os Trobriand e para os Lakher, respectivamente: “q = 0: p = 1”; e, “q = 1: p = 0.” Assim, se “q = 0: p = 1” então não há filiação com o pai, visto que há somente filiação com a mãe. No modelo inverso, se “q = 1: p = 0” então há filiação com o pai e não com a mãe (LEACH, 2001).

Torna-se perceptível a diferença na proposta que Leach formula em seu artigo *Terminologia de parentesco Jinghpaw* (1945) e o que ele propõe, quinze anos depois, no artigo *Repensando a antropologia*. Naquele artigo, o autor adota como princípio de classificação para montar os termos de parentesco, as relações dadas entre as pessoas a partir do sexo, da idade e do lugar de residência. No entanto, isto nem sempre é o suficiente ou relevante. Muitas vezes, como sugeriu o próprio Leach, o fator nodal para compreender a relação entre as pessoas e os termos de parentesco que daí derivam está em perceber que uma relação particular, isto é, que “p” é o oposto de outra relação “q” (LEACH, 2001, p. 54).

Leach quer chamar a atenção para o fato de que ao invés de tentar encaixar uma sociedade num sistema de parentesco dado, deve-se analisar os modos como duas pessoas se relacionam, ou melhor, como se dão as alianças, os casamentos. Por exemplo, no caso de *Pul Eliya*, “it is always a question of whether or not a particular sexual relationship between a man and a woman is to be accepted as establishing affinal links between the man and the woman’s kinsmen” (LEACH, 1961, p. 303).

Diante disso, pode-se considerar que Leach é um dos primeiros antropólogos a iniciar algumas desconstruções nas teorias tradicionais de parentesco. O primeiro deslocamento produzido pelo autor está na ânsia de buscar um novo método, que fosse mais simples e mais seguro, e que pudesse ser aplicado a todas as sociedades. Motivo pelo qual ele propõe o uso da matemática como um caminho seguro nos estudos de parentesco.

Um segundo deslocamento importante, e que será explanado a seguir, é que Leach não se prende a conceitos até então inquestionáveis, como: filiação, descendência, linhagem. Ele propõe retirar a ênfase dada aos conceitos e colocar a atenção nas próprias relações pessoais que acontecem dentro desses sistemas. Muitas vezes, “The emphasis is on the relevance of kinship and marriage for the practices relating to land holding and land use. Unilineal descent is not a factor in the situation” (LEACH, 1961, p. 5).

É preciso considerar outros aspectos nas relações de parentesco, não podendo isolar o sistema de parentesco como se este não tivesse ligação com os outros sistemas de organização social, tal como a economia ou a política (LEACH, 1961). O autor chama a atenção para as relações de aliança e de casamento. É no casamento que se vê interagir os extremos biológico versus social, vistos nas figuras de Malinowski e Radcliffe-Brown, do parentesco enquanto biologicamente dado e do parentesco socialmente construído.

E. LEACH, C. LÉVI-STRAUSS E O CASAMENTO COM A PRIMA-CRUZADA

Conforme convida a pensar Roberto Da Matta (1983, p. 26), as relações de família, de um modo geral, ajudam a localizar e a transmitir todo tipo de direitos e de bens, tais como:

feições físicas, atitudes psicológicas, propriedade, herança, sucessão a cargos, direitos de residência e profissão. No entanto, essas relações não respondem um problema que é construído e respondido pelos sistemas elementares de parentesco: *onde e com quem casar?*

Para Lévi-Strauss (1982, p. 19), “Reservamos o nome de estruturas complexas para os sistemas que se limitam a definir o círculo dos parentes e que deixam a outros mecanismos, econômicos ou psicológicos, a tarefa de proceder à determinação do cônjuge”. Por outro lado, o antropólogo francês adota a expressão *estruturas elementares do parentesco* para designar “os sistemas nos quais a nomenclatura permite determinar imediatamente o círculo dos parentes e os dos aliados, isto é, os sistemas que prescrevem o casamento com um certo tipo de parente” (LÉVI-STRAUSS, 1982, p. 19).

Em sua obra *As estruturas elementares do parentesco*, Lévi-Strauss amplia a discussão sobre parentesco ao introduzir as relações de aliança e, revela que não podemos interpretar uma “unidade mínima de parentesco” sem tomar como componente crítico, junto aos elos de fraternidade e de filiação (descendência), o laço de afinidade. Em outras palavras, a afinidade passa a ser não mais um dado psicológico e individual, mas um elemento estrutural, alocado socialmente.

Dessa forma, Lévi-Strauss parte de um problema base dos estudos de parentesco, a saber: como se dá a relação de uma infraestrutura biológica e uma superestrutura verbal – os termos de parentesco que criam todo um edifício no plano sociocultural. Neste interim, ele afirma que toda a sociedade é constituída de trocas: linguísticas, econômicas, religiosa e de mulheres. Seriam as trocas de mulheres que permitiriam reproduzir e manter um sistema social funcionando entre grupos diversos. Para o antropólogo francês as trocas de mulheres podem acontecer de dois tipos: “a troca generalizada” e “a troca restrita”.

Sua intenção em *As estruturas elementares do parentesco* é trabalhar com “os sistemas nos quais a nomenclatura permite determinar imediatamente o círculo dos parentes e dos aliados, isto é, os casamentos que prescrevem o casamento com um certo tipo de parente” (LÉVI-STRAUSS, 1982, p. 19). Consequentemente, sistemas onde a condição de afim ou aliado se transmite de geração e geração (DA MATTA, 1983, p. 27).

Como dito acima, há dois tipos de troca matrimonial: a generalizada e a restrita. No casamento de troca restrita (ou direta, ou simétrica) um grupo oferece uma mulher para outro grupo e recebe, simultaneamente, outra mulher de volta. O único problema neste tipo de troca é que ele não permite uma integração política muito ampla, com vários grupos, visto que esse sistema pode se manter apenas com dois grupos, ou seja, com o conhecido sistema de metades. Em contrapartida, o sistema de “troca generalizada” precisa, necessariamente, de no mínimo três grupos, permitindo maior integração política. O problema da troca generalizada, no entanto, é a demora para que uma troca seja retribuída.

Edmundo Leach se dedica a pensar sobre esses tipos de trocas matrimoniais no capítulo intitulado *As implicações estruturais do casamento com a prima-cruzada matrilateral* (1951). Neste capítulo, o autor analisa três tipos de casamento, são eles: 1) Tipo Kariera: casamento simétrico entre primos cruzados. Há troca simultânea entre mulheres de dois grupos. 2) Tipo Trobriand: casamento assimétrico com a prima cruzada (patrilateral). Há troca sistemática de mulheres entre dois grupos, mas demora no mínimo duas gerações. 3) Tipo Kachin: casamento assimétrico com a prima cruzada (matrilateral). Este sistema impede a troca de mulheres entre dois grupos de descendência locais. Pois, no tipo ideal, um homem se casa com a filha do irmão da mãe, estando proibido de casar com a filha da irmã do pai (LEACH, 2001, p. 96-7).

O sistema que gerou polêmica entre Leach e Lévi-Strauss foi o casamento de tipo Kachin, ou seja, o casamento com a prima-cruzada matrilateral. E é justamente a esse tipo de casamento que Leach dedica a maior parte do livro aqui discutido. Para Leach, onde ocorre o tipo de casamento Kachin – um grupo B dá mulher para grupo A e não é compensado da mesma forma, implicando em três possibilidades:

1. Que o princípio de reciprocidade não se aplique de modo algum e que o grupo B não obtenha nenhuma compensação;
2. Que a reciprocidade seja atingida através de alguma forma de compensação política ou econômica dada ao grupo B pelo grupo A, por exemplo, pagamentos pelo casamento, trabalho, fidelidade política;
3. Que três ou mais grupos, A, B, C, façam arranjos mútuos para “casar em círculo” – C dando esposas para B, o qual dá esposas para A, o qual dá esposas para C novamente. Neste caso, as esposas que C dá para B são, em certo sentido, compensação pelas mulheres que B dá para A (LEACH, 2001, p. 98).

São estas três possibilidades que tanto Lévi-Strauss quanto Leach passam a problematizar. De modo geral, Lévi-Strauss argumenta que a “troca generalizada”, advinda de um casamento Kachin, impõe um risco inicial de o circuito de trocas não se fechar e, mesmo que se feche isto leva muito tempo para acontecer.

Outro problema, argumenta Lévi-Strauss, é que a troca generalizada nos Kachin supõe igualdade, mas é fonte de desigualdade. Explica ele:

Supõe a igualdade, porque a condição teórica de aplicação da fórmula elementar é que a operação C casa-se com A, que fecha o ciclo, seja equivalente à operação A case-se com B, que o abriu no início. É preciso, para que o sistema funcione harmoniosamente, que uma mulher a valha uma mulher b, uma mulher b valha uma mulher c, e a mulher c valha uma mulher a, isto é, que as linhagens A, B e C tenha a mesma situação e o mesmo prestígio. [Mas], a acumulação das mulheres em tal ou qual etapa do circuito, são outros tantos fatores de desigualdade, que podem a qualquer momento provocar uma ruptura” (LÉVI-STRAUSS, 1982, p. 310-1).

Leach, porém, em *As implicações estruturais do casamento com a prima cruzada matrilateral*, argumenta, contra Lévi-Strauss, que, embora o sistema Kachin de casamento seja um sistema complexo, ele não está fadado a contradições internas e muito menos a ruína. Vale considerar que o sistema Kachin é um “sistema aberto”, “dinâmico” – mesmo não estando em perfeito equilíbrio. Neste sentido, Leach se contrapõe a Lévi-Strauss argumentando que o sistema Kachin opera em termos de várias unidades que trocam mulheres num plano teórico.

Na sua prática, porém, o sistema matrimonial e social se move apenas em termos de duas categorias fundamentais. Por exemplo quando um homem da linhagem A recebe uma mulher de um homem da linhagem B, existe uma tendência dessas trocas se perpetuarem. Ou seja, na próxima geração novamente um homem de A receberá uma mulher de um homem da linhagem B. Isto é que constitui as linhagens *mayu/dama* (doadores/receptores de mulheres). Embora num ponto de vista ideal os doadores/receptores deva se relacionar em círculo, na prática eles se relacionam dois a dois.

Quanto ao problema das classes sociais (ou seja, do *status*), sabemos que chefes do sistema casam com a prima cruzada matrilateral do mesmo *status* que o seu. Fazendo funcionar o *mayu/dama* num grupo de determinada hierarquia. No entanto, Leach admite que pode acontecer de mulheres com *status* social elevado casarem com alguém de um grupo inferior. Assim, a lógica da troca generalizada serviria serve tanto para unir os iguais entre si, quanto para reunir, na complementaridade *mayu/dama*, que representam ordens sociais diferenciadas por prestígio social e político.

Observa-se, ainda, que os receptores pagariam a mulher através da retribuição de gado. E, visto que a riqueza aqui é o gado, ou seja, perecível, a riqueza de bens que ficaria acumulada no topo da hierarquia acabaria sendo convertida em uma festa em que todos participam. Dessa forma, Leach (2001) afirma que o argumento de Lévi-Strauss é infundado, visto que não há entre os Kachin a lógica acumulativa, como pressupunha o antropólogo francês.

Além deste debate com Lévi-Strauss, Leach está interessado em chamar atenção para a o casamento não apenas enquanto categoria operatória, mas como categoria analítica. Em outras palavras, em *Aspectos do preço da noiva e da estabilidade do casamento entre Kachin e os Lakher* (1953-1954), Leach demonstra como uma boa análise do casamento pode contribuir muito mais para entender a organização social de uma sociedade, refutando a prática exagerada de criação de novos conceitos.

Com isso, Leach faz sua crítica e chama atenção para o que realmente articula parentesco e organização social é o casamento. De certa forma, um dos temas centrais de *Repensando a antropologia* é demonstrar como muitos dos sistemas estudados – Trobriand, Kachin, Lakher, Tallensi –, tomado sempre do ponto de vista das teorias de descendência, são melhor interpretados se vistos pelo prisma das relações matrimoniais, ou seja, pela consideração conjunta de ideias, concepções e relações que são estabelecidas a partir do casamento (Da Matta, 1983)

No segundo capítulo do livro, *Terminologia de parentesco Jinghpaw* (1945), é que aparece a crítica mais explícita aos seus colegas que desenvolvem inúmeros termos de parentesco de forma desnecessária. Malinowski, por exemplo, desenvolveu a noção de “paternidade sociológica” para poder explicar a relação entre o pai e o filho na sociedade Trobriand, onde a noção de paternidade biológica era inexistente. Outro exemplo claro é Radcliffe-Brown com sua obra *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Toda a obra está eminentemente fundamentada na análise da descendência ou patrilinear ou matrilinear. Em outras palavras, “o parentesco é sempre e necessariamente bilateral, ou cognado, a organização segmentária exige a adoção do princípio unilinear, e deve ser feita uma opção entre instituições patrilineares e matrilineares” (RADCLIFFE-BROWN, 1973, p. 44).

Tentando evitar conceito desnecessários, Leach aponta uma saída na análise do casamento. Tal análise é feita de forma detalhada no artigo *Poliandria, herança e definição de casamento* (1955/1958). A tese principal deste trabalho é:

Um casamento cria uma aliança entre dois grupos A e B. Os filhos do casamento podem estar ligados a um ou a ambos os grupos por incorporação, permanente ou parcial, mas também podem estar ligados a um ou a ambos os grupos em virtude da própria aliança do casamento. Os símbolos que venho discutindo – de osso, sangue, carne, alimento, influência mística – discriminam, de um lado, entre incorporação permanente e parcial e,

de outro, entre incorporação e aliança. São variáveis significantes em todas as sociedades e não meramente em sistemas unilineares de um tipo particular (LEACH, 2001, p. 40).

Quanto à durabilidade do casamento, consequentemente, da existência ou não do divórcio, Leach afirma que este depende muito do que é pago pela noiva e como isto é feito. De modo geral, quando a prestação da noiva é paga de uma só vez, como nos Kachin, o divórcio é mais difícil de existir – muitas vezes uma mulher pode ser trocada por sua irmã para que o divórcio não ocorra. Já, e sociedades como os Lakher, onde as transações do preço da noiva são feitas por favores ou bens não muito caros – incluindo a falta de um rito formal de casamento –, o divórcio pode acontecer com mais facilidade (LEACH, 2001, 180-181).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Edmund Leach, com certeza, foi um antropólogo que, apesar das inúmeras dificuldades, soube sabiamente criticar as teorias antropológicas que lhe foram contemporâneas. Mesmo estando em um ambiente acadêmico permeado por dicotomias teóricas e metodológicas, ele conseguiu trilhar, consciente e criticamente, por diferentes paradigmas científicos.

Com suas (auto)críticas, Leach propõe uma revisão metodológica de pesquisa nos sistemas de parentesco. Sugere que, ao invés que de extensos sistemas terminológicos, algo mais simples também pode ser mais útil e mais seguro. A matemática, neste interim, aparece como possibilidade metodológica a ser levada em consideração, pois, segundo ele, as funções matemáticas possibilitam comparar diversos sistemas de parentesco de forma mais exata e, além disso, possibilita generalizar as comparações com o intuito de aplicá-las em outras sociedades.

Leach desloca a atenção na pesquisa de parentesco de conceitos como: linhagens, descendência, patri-matrilinear e passa a analisar as alianças e os casamentos. Segundo o antropólogo, é através de uma análise do casamento que é possível compreender mais precisamente como se dá a relação entre grupos distintos. Além disto, o autor aponta a necessidade de se considerar outros sistemas sociais – como o econômico, o político, o religioso – para se compreender o sistema de parentesco.

Conforme é possível perceber, a obra de Edmund Leach é obra singular na história da antropologia, pois possibilita diferentes discussões acerca das teorias de parentesco, e em diferentes níveis. Certamente, assim como as contribuições de Lévi-Strauss, Radcliffe-Brown e Margaret Mead, Leach figura entre os clássicos da antropologia, dentro os quais sua obra se torna imprescindível para se compreender os debates teóricos e metodológicos acerca dos estudos de parentesco desenvolvidos no século XX.

RETHINKING ANTHROPOLOGY: E. LEACH AND THEORIES OF KINSHIP

Abstract: from the work Rethinking Anthropology (1961) by anthropologist Edmund Leach (1910-1989), this work aims to analyze the context, the theoretical heritage and the debates that permeated the theories of kinship in the first half of the twentieth century. Emphasizing the debate between Radcliffe-Brown and Levi-Strauss, we come to the proposed Leach that emphasizes the marriage and alliances as an analytical ability.

Keywords: *Theories of Kinship. Rethinking Anthropology. Edmund Leach.*

Referências

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Sobre o pensamento antropológico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- DA MATTA, Roberto. *Edmund Ronald Leach: antropologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- LEACH, Edmund. R. *Cultura e comunicação: a lógica pela qual os símbolos estão ligados*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. *Pul Eliya, a village in Ceylon: a study of land tenure and kinship*. Cambridge: University Press, 1961.
- _____. *Repensando a antropologia*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred. R. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Vozes, 1973.